



A FIGURA DE JESUS CRISTO NO DISCURSO DA MÍDIA CONTEMPORÂNEA
THE FIGURE OF JESUS CHRIST IN THE DISCOURSE OF CONTEMPORARY
MEDIA

Rubens César Baquião¹
UNESP – Universidade Estadual Paulista

RESUMO: A figura de Jesus Cristo é representada de formas variadas no decorrer da história, e essas representações heterogêneas estão relacionadas aos valores das culturas produtoras dos discursos. A sintaxe discursiva que estrutura essas representações é um encadeamento de atos que conjuga a dimensão da intensidade (o sensível, o afetivo) e a dimensão da extensidade (o inteligível, o compreensível). A semiótica discursiva possibilita, por meio de análises, entender a ocorrência das transformações culturais nos discursos produzidos em períodos históricos diferentes e em culturas distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia; Semiótica Tensiva; Plurilinguismo.

ABSTRACT: The figure of Jesus Christ is represented in different forms in the course of history and that's heterogeneous representations are in relationship with the axiology of the culture that produces the discourse. The discursive syntax that organizes the representations of Christ is an assemblage of acts that conjugates the dimension of intensity (the sensibility, the affectivity) and the dimension of extensity (the intelligible, the comprehensible). The discursive semiotic possibilities understand the cultural transformations in the analysis of discourses that are produced in different historical periods and in distinct cultures.

KEYWORDS: Phenomenology; Tensive Semiotics; Plurilinguistic.

Introdução

A Linguística moderna surge a partir dos trabalhos de Ferdinand de Saussure e se desenvolve em várias linhas de pesquisa. Uma dessas correntes teóricas trata do estudo do discurso, que compreende a análise dos vários elementos linguísticos que compõem um texto. Entre as perspectivas que estudam o discurso, destacam-se o Círculo de Bakhtin e a Semiótica greimasiana. Mikhail Bakhtin estudou os aspectos políticos da linguagem apoiado nas teorias

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Campus de Araraquara.

marxistas e também se concentrou no estudo da literatura ao estabelecer novas teorias na análise do romance. Seus trabalhos integram o chamado Círculo de Bakhtin, porque há muitas discussões sobre a autoria de textos que podem ter sido escritos por Bakhtin, Volochinov ou Medvedev; os dois últimos, contemporâneos de Bakhtin.

O linguista lituano Algirdas Julien Greimas criou a escola francesa de Semiótica ao ampliar as teorias de Saussure e Hjelmslev para a análise tanto de textos verbais quanto não verbais (visuais, audiovisuais, etc.). O Círculo de Bakhtin se ocupa do caráter sócio-histórico da linguagem e a Semiótica greimasiana se concentra no desenvolvimento constante de um instrumental analítico para examinar as diversas manifestações da linguagem.

Mesmo com as diferenças entre as duas perspectivas, existem pontos de contato conceituais interessantes entre elas. Tanto o Círculo de Bakhtin quanto a Semiótica greimasiana desenvolveram estudos profundos calcados na fenomenologia, que é uma corrente filosófica cujas reflexões se concentram na percepção, no modo como a atividade sensório-motora define a existência humana. O conceito de corpo é fundamental no pensamento fenomenológico na medida em que os fenômenos físicos do universo são percebidos pelas sensações e emoções corpóreas. O homem reconhece a existência dos fenômenos físicos por meio dos sentidos fisiológicos, que percebem tanto estímulos internos quanto externos ao corpo. Assim, toda a experiência entre homem e mundo está ligada à atividade sensório-motora.

Ao se pretender uma aproximação conceitual dessa natureza, é preciso entender as diferenças fundamentais entre as duas perspectivas. Os trabalhos do Círculo de Bakhtin foram desenvolvidos ao se considerar o aspecto social e histórico da linguagem, enquanto a Semiótica se desenvolveu a partir de estudos sobre a imanência das estruturas linguísticas. O cuidado que tomaremos para não deturpar as bases da teoria Semiótica e dos trabalhos do Círculo de Bakhtin será nos limitarmos a discussões sobre conceitos que possuam similaridades e, portanto, possam ser expostos e comparados para fins analíticos. A explanação e a aplicação dos conceitos serão feitas sem trazer à tona as diferenças entre as duas perspectivas. Desse modo, acreditamos em que os conceitos do Círculo de Bakhtin emprestarão um alcance sócio-histórico amplo e a Semiótica emprestará um instrumental analítico preciso para a realização deste trabalho.

Neste artigo, destacamos como objeto a figura de Jesus Cristo, cuja composição discursiva intencionamos explorar, pois entendemos que a imagem de Cristo estabiliza a ideia de sagrado na cultura ocidental.

1. O CONCEITO FENOMENOLÓGICO DE CORPO

1.1 O conceito de corpo segundo Bakhtin

Como outros notórios pensadores que trabalharam com a fenomenologia, Bakhtin também refletiu sobre conceitos fenomenológicos, como o corpo e a percepção. Ao trabalhar o primeiro conceito, Bakhtin classifica o corpo exterior como a experiência do homem com as imagens externas: a relação do sujeito com o corpo do outro é o “vivenciamento da imagem externa na autoconsciência e em relação a outra pessoa, das fronteiras externas do corpo e da ação física externa.” (BAKHTIN, 2003, p.44). No entanto, a

experiência do sujeito com o corpo exterior, do outro, não é uma relação direta, pois o corpo do sujeito se impõe como um corpo interior, carregado de conceitos, emoções, etc. Assim, toda relação com o corpo exterior e com as suas fronteiras externas está ligada à autoconsciência do corpo interior:

O corpo interior – meu corpo enquanto elemento de minha autoconsciência – é um conjunto de sensações orgânicas interiores, de necessidades e desejos reunidos em torno de um centro interior: já o elemento externo [...] é fragmentário e não atinge autonomia e plenitude, tem sempre um equivalente interior que o leva a pertencer à unidade interior. Não posso reagir de forma imediata ao meu corpo exterior: todos os sons volitivo-emocionais diretos, que em mim estão ligados ao corpo, dizem respeito ao seu estado interior e às suas possibilidades como sofrimentos, gozos, paixões, satisfações, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 44).

A consciência que o sujeito tem de seu exterior, de todas as relações com o corpo do outro e com as imagens externas é atravessada pelos conceitos e emoções interiores. O sujeito só experimenta a consciência do corpo em sua plenitude na relação significativa que há entre o corpo interior e o corpo exterior. É no seu relacionamento com o corpo exterior que o sujeito toma consciência dos elementos sociais e políticos de seu mundo. A noção de valores éticos se dá por meio da relação com o corpo do outro:

Só o outro *está personificado* para mim em termos ético-axiológicos. Neste sentido, o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora. Só o corpo interior – a carne pesada – é dado ao próprio homem, o corpo exterior é antedado: ele deve criá-lo com seu ativismo. (BAKHTIN, 2003, p. 48, grifo do autor).

A experiência com o corpo interior está relacionada àquela com o corpo exterior, já que conceitos e emoções são inerentes ao sujeito; mas a experiência com o corpo exterior só é alcançada por meio da ação vigorosa do sujeito no mundo de valores sociais e políticos no qual vive, pois esse mundo axiológico é distinto da carne sensível, que é o corpo. Entende-se que a distinção entre corpo exterior e corpo interior é teorizada para dar conta da relação de determinado sujeito com o corpo do outro (exterior) e também com o seu corpo (interior). Essa relação entre elementos externos (imagens e ações) e elementos internos (conceitos e emoções) é indissociável no contexto concreto da vida do sujeito.

1.2 O conceito de corpo segundo a semiótica discursiva

A Semiótica do discurso retoma conceitos da fenomenologia – com base principalmente nas reflexões do filósofo Merleau-Ponty – e o estudo da atividade sensório-motora passa a ser fundamental no conhecimento da significação. A semiótica tensiva, desenvolvida pelos trabalhos de Claude Zilberberg e Jacques Fontanille, concentra-se no estudo da interação entre o sensível e o inteligível na enunciação. O sensível é o campo dos afetos e sensações, e o inteligível é o campo do entendimento e da compreensão. Segundo Fontanille, a sintaxe do discurso é um encadeamento e uma sobreposição de atos que conjuga a dimensão da intensidade (o sensível, o afetivo) e a dimensão da extensidade (o inteligível, o

compreensível). Essas tensões estão relacionadas à percepção, ao modo como o corpo sofre a experiência da significação. Ao tratar dos dois planos da linguagem – plano da expressão e plano do conteúdo – Fontanille (2007, p. 30) diz que:

Os dois planos da linguagem substituem, a partir de agora, as duas faces do signo. Sejam quais forem os nomes que se lhes deem, os dois planos da linguagem são separados por um corpo perceptivo que toma posição no mundo do sentido, que define, graças a essa tomada de posição, a fronteira entre o que será da ordem da expressão (o mundo exterior) e o que será da ordem do conteúdo (o mundo interior). É também esse corpo que reúne esses dois planos em uma mesma linguagem. Portanto, o sensível e o inteligível estão irremediavelmente ligados no ato que reúne os dois planos da linguagem.

Fontanille desenvolve os conceitos de exteroceptividade, interoceptividade e proprioceptividade a partir da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. A exteroceptividade é a percepção do mundo exterior, é o modo como o corpo percebe as formas físicas e biológicas do mundo natural (produtoras de significantes) e a interoceptividade é o momento em que o corpo percebe seu mundo interior, conceitos e emoções (produtores de significados). A proprioceptividade é a posição do sujeito da percepção, que experimenta a significação a partir de seu corpo próprio. Este é um invólucro sensível, uma fronteira entre o domínio interior e o domínio exterior. O corpo próprio é mais que um mediador entre a exteroceptividade e a interoceptividade, e sua atividade sensório-motora interfere na significação. O corpo percebe o ambiente que o interpela e converte as figuras do mundo (exteroceptivas) em figuras interiores (interoceptivas), que são equivalentes às figuras exteriores, mas que estão contaminadas pela dimensão patêmica (proprioceptiva) do corpo sensível. Além do corpo exterior (exteroceptivo) e do corpo interior (interoceptivo) – dois conceitos que também estão presentes no trabalho de Bakhtin –, o conceito de corpo próprio (proprioceptivo) define o momento em que o sujeito experimenta a significação em uma instância de legítima individualidade. Assim, um mesmo discurso é entendido de maneiras diferentes por vários sujeitos porque cada um deles possui um corpo próprio que define um momento de sentido único. A proprioceptividade é o momento em que a sensibilidade singular (individualidade corpórea) do sujeito irá definir o sentido de um discurso.

1.3 O corpo como valor sagrado

Entre os trabalhos do Bakhtin fenomenólogo, destaca-se seu estudo sobre o processo de formação do conceito de homem – entende-se, aqui, homem como valor. Bakhtin compreende que os valores éticos, estéticos e religiosos são fundamentais na constituição do homem e que todos esses valores podem ser examinados no decorrer da história do corpo humano. O autor reflete sobre a relação entre o corpo interior e o corpo exterior desde a pré-história até o estabelecimento do pensamento cristão.

Na pré-história, o significado do corpo exterior (o outro) determinava o reconhecimento do conceito de homem. O corpo humano era valorizado em seu aspecto plástico, e, por meio desse relacionamento estético, o homem primitivo se reconhecia e se

instituía como ser. Quando predominava a noção de corpo exterior na concepção de homem, este se reconhecia e se fazia presente em termos plásticos:

Assim era o homem na Antiguidade na época do seu florescimento. Todo o corpóreo era consagrado pela categoria de outro, vivenciado como valor imediato, e a autodeterminação significativa, internamente axiológica, subordinava-se à determinação externa através do outro e para o outro, o *eu-para-mim* dissolvia-se no *eu-para-o-outro*. Vivenciava-se o corpo interior como valor biológico [...] O reflexo gnosiológico e o idealismo puro estavam ausentes. O elemento sexual não predominava, de modo algum, ele é hostil à plasticidade. (BAKHTIN, 2003, p. 49, grifos do autor)

A relação que o homem pré-histórico tinha com seu corpo era de natureza plástica e nela predominavam os valores externos. A experiência com o corpo interior era desprovida de reflexões e idealizações, e também não havia a relação entre a noção de divindade e o corpo interior, este era reconhecido só em seu aspecto biológico. O sexo, uma das formas mais antigas de relação entre o corpo humano e a ideia de divindade, era um elemento de pouco destaque, pois sua representação comprometia a noção estético/plástica do corpo exterior². O sexo é uma característica fundamental no desenvolvimento ético-estético-religioso do corpo humano, é por meio da sexualidade que o homem trará contato mais íntimo com o corpo interior:

No movimento dionisíaco predomina o esbanjamento interior *mas não solitário* do corpo. Intensifica-se a sexualidade. Os limites plásticos começam a cair. O homem plasticamente acabado – o *outro* – afunda num vivenciamento intracorpóreo amorfo porém único. O *eu-para-mim* ainda não está isolado nem se contrapõe aos outros como categoria essencialmente distinta de vivenciamento do homem. O terreno para isto está apenas sendo preparado. (BAKHTIN, 2003, p. 49, grifos do autor)

Com o surgimento dos cultos de Dionísio, deus do vinho, da orgia e das artes na Grécia arcaica, o homem passou a entrar em contato mais íntimo com a própria sexualidade e, dessa maneira, a reconhecer melhor seu corpo interior, carregado de emoções que o levavam ao êxtase. Tudo isso era favorecido pela sacralização da embriaguez e da sensualidade, que eram meios de se alcançar um estado divino de delírio dionisíaco e entrar em contato com o deus: a epifania. Foi desse modo que a plasticidade do corpo se atenuou e a relação com o interior do corpo se intensificou. A ideia de um elemento espiritual no corpo começou a se desenvolver, mas a corporeidade ainda estava em vias de se espiritualizar.

O epicurismo ocupa uma posição intermediária original: nessa corrente, o corpo se torna um organismo, é um corpo interior [...] mas todos os elementos plástico-picturais já estão apagados. Uma leve ascese marca a antecipação do peso da solidão interior do corpo na ideia de homem, agregada à categoria de *eu-para-mim* como espírito. (BAKHTIN, 2003, p. 50)

² Bakhtin fez essa reflexão com base no conhecimento arqueológico de sua época. Hoje, com a descoberta de vários sítios arqueológicos pré-históricos, principalmente no Brasil, sabemos que o homem pré-histórico já representava, com destaque, o sexo em suas pinturas.

O epicurismo surgiu na Grécia do período helenista, após a abertura comercial e cultural entre Ocidente e Oriente, efetuada pelas conquistas militares de Alexandre Magno. Nesse período, o mundo grego travava contato estreito com as religiões orientais, como o mitraísmo e o budismo. Segundo o epicurismo, os prazeres espirituais devem se sobrepôr aos prazeres sensuais, mas o corpo não é negado, e os epicuristas consideram que os próprios deuses são seres corpóreos, embora possuam uma matéria mais sutil que a do corpo humano. Ainda persistia certa intensidade de ideias pagãs. Com o surgimento de uma leve negação do corpo – pregada por Epicuro no século IV a.C.–, começou a se desenvolver a concepção de um corpo interior espiritual que, no entanto, não se efetou no epicurismo, mas se desenvolveu no neoplatonismo.

Plotino instituiu a escola filosófica neoplatônica em Alexandria no século II d.C. Esta escola misturava elementos estoicos, judeus e cristãos (entre outros princípios gnósticos) aos princípios filosóficos de Platão. Seu pensamento se difundiu amplamente pelo mediterrâneo, e sua aceitação em Roma foi uma das bases do cristianismo católico, que é uma consequência do pensamento helenista, caracterizado por uma proximidade de ideias ocidentais e orientais. Segundo Plotino, toda a existência se concentra no **único**, todas as coisas existentes emanam de uma unidade que remete ao uno supremo. Segundo essa escola filosófica altamente religiosa, o **eu-para-mim** e o **eu-para-o-outro** são elementos que emanam de uma mesma unidade, e tanto o *eu* quanto o *outro* são aspectos desse **único**. É assim que o corpóreo é negado e o espiritual é instituído, já que tanto a noção do meu corpo quanto a noção do corpo do outro emanam diretamente da ideia de unidade transcendental. Esse percurso de espiritualização do corpo na concepção do homem encontra seu ponto culminante no estabelecimento do pensamento cristão:

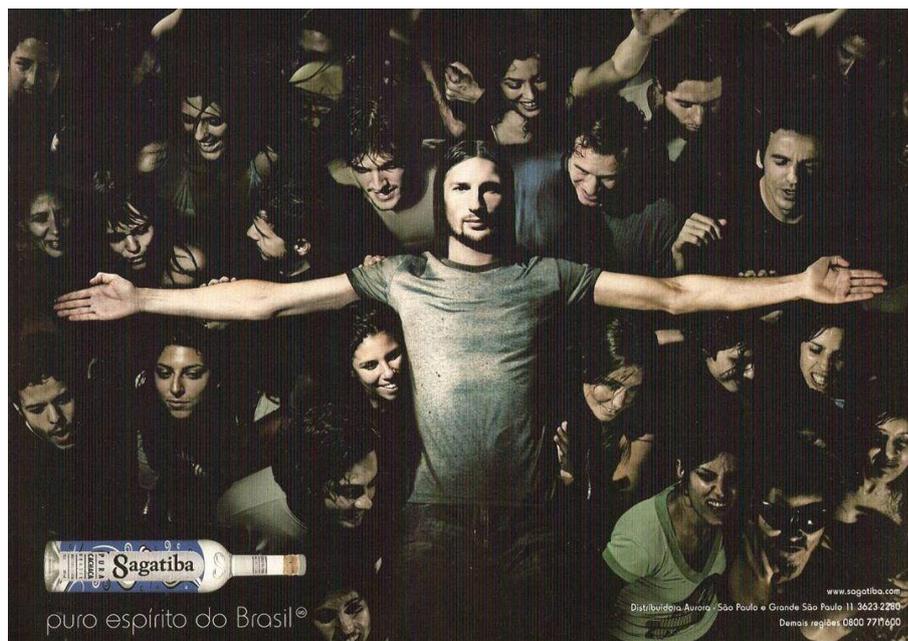
Para Cristo, todos os homens se dissolvem nele como o único e em todos os outros homens; nele, que perdoa, e nos outros, os perdoados; nele, o salvador, e em todos os outros, os salvos; nele, que assume o fardo do pecado e da expiação, e em todos os outros, libertos desse fardo e purificados. Daí que em todas as normas de Cristo contrapõe-se o *eu* ao *outro*; o sacrifício absoluto para mim e o perdão para o outro. (BAKHTIN, 2003, p. 52, grifos do autor)

O problema da relação entre o **eu** e o **outro** no cristianismo é resolvido no pensamento da compaixão de Cristo por todos os homens. Cristo é o corpo que envolve todos os outros corpos em uma unidade corpórea absoluta não egoísta. O **eu** e o **outro** se encontram e se entendem no pensamento da doutrina cristã.

Segundo Bakhtin, a noção que temos do corpo exterior determina a ideia do corpo interior e assim reciprocamente. O sujeito percebe e participa do mundo por meio da relação entre corpo exterior e corpo interior. O que determina a particularidade de uma cultura são, também, essas relações perceptivas complexas, nas quais o corpo interior se impõe e, ao mesmo tempo, sofre imposição do corpo exterior.

2. OS VALORES DO SAGRADO

Destacamos um texto sincrético – uma propaganda publicitária – que retrata a figura de Jesus Cristo. A caracterização de Cristo nessa imagem está ligada ao universo cultural contemporâneo no qual o discurso foi produzido. Os valores de uma determinada cultura interferem na sua compreensão do cristianismo, assim como o cristianismo interfere nos valores da cultura que o acolhe:



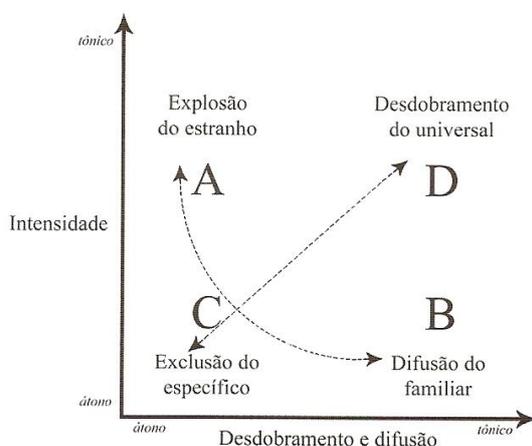
Fonte: SAGATIBA (2004, p. 49)

Esse texto é uma propaganda da cachaça Sagatiba, publicado na revista *Playboy* em 2004. A figura central é um jovem representado com barba e cabelo longo, do mesmo modo como a figura de Cristo o é tradicionalmente. A posição desse jovem remete à de Cristo na cruz por meio da iconicidade. Segundo Fontanille: “O ícone é o momento da estabilização de uma figura reconhecida enquanto tal.” (FONTANILLE, 2005, p. 110). O enunciatário percebe a posição do jovem da propaganda de cachaça e a relaciona à posição icônica na qual Cristo é tradicionalmente representado. Na parte inferior, à esquerda, há uma foto da garrafa de cachaça Sagatiba e, abaixo da foto, o texto “puro espírito do Brasil”. Aqui o termo espírito faz menção ao conteúdo do sagrado que é transposto ao espaço da orgia. A figura de Cristo ocupa a parte central da imagem e é carregada por várias pessoas, à maneira de um *stage dive*, muito comum em shows de *rock'n'roll*. Cristo, relacionado ao termo espírito, desloca o conceito de sagrado ligado ao martírio e vincula o sagrado aos prazeres carnavais como a dança e a embriaguez. Esse Cristo “pop” deixa de ser o cordeiro expiatório tradicional e se assemelha mais ao deus grego Dionísio, cujo culto privilegia o êxtase dos prazeres carnavais. A imagem é estruturada por uma relação semi-simbólica, de acordo com a semiótica plástica proposta por Jean-Marie Floch (1985, p. 14):

C'est donc en étudiant concrètement des images prises dans leur globalité que nous avons petit à petit reconnu et cherché à définir ce système de sens,

*de type semi-symbolique, qu'est la sémiotique plastique, où les deux termes d'une catégorie du signifiant peuvent être homologues à ceux d'une catégorie du signifié.*³

Destacamos uma categoria topológica central *versus* marginal do plano da expressão, sendo central a figura de Cristo e marginal as figuras que dançam. Essa categoria do plano da expressão pode ser relacionada à categoria semântica sagrado *versus* profano do plano do conteúdo, sendo que o sagrado está vinculado à figura central – Cristo – e o profano está relacionado às figuras marginais do enunciado – em segundo plano – que estão mais inseridas no espaço da orgia que a figura central – em primeiro plano – elevada em relação às outras. A particularidade desse enunciado consiste em vincular o sagrado (central) e o profano (marginal). Mesmo se referindo a outros enunciados “cristãos”, o texto se estrutura de forma única, pois atenua o tema do martírio, geralmente vinculado à figura de Cristo, e a integra no interior de uma cultura hedonista. Vejamos a aplicação do esquema da práxis enunciativa⁴, desenvolvido pela semiótica tensiva, nessa propaganda:



(FONTANILLE, 2007, p. 285)

A figura de Jesus Cristo, tradicionalmente relacionada ao martírio e ao ascetismo, é uma contribuição explosiva (em A) no interior da cultura hospedeira, de natureza hedonista, que a acolhe. Ocorre a exclusão de elementos específicos (em C) que estão ligados à tortura física da crucificação, e a figura de Cristo é integrada e difundida de forma familiar (em B) no interior da cultura que a assimila. Em D, a figura de Cristo se desdobra com ênfase tanto na intensidade (do reconhecimento do estranho) quanto na extensidade (da difusão do familiar) e instaura um novo discurso que se sobrepõe aos discursos anteriores que relacionam Cristo ao martírio da expiação. Nesse enunciado, os elementos relacionados ao sofrimento do corpo crucificado são diluídos e a figura de Cristo é integrada a uma cultura hedonista que a difunde de forma familiar. Segundo Fontanille & Zilberberg (2001, p. 196):

³ É ao estudar concretamente as imagens consideradas em sua globalidade que, pouco a pouco, reconhecemos e procuramos definir este sistema de sentido, de tipo semi-simbólico, que é a semiótica plástica, em que dois termos de uma categoria do signifiante podem ser homólogos aos dois termos de uma categoria do significado. (tradução nossa)

⁴ O esquema da práxis enunciativa é teorizado para analisar a interação entre o sensível (intensidade) e o inteligível (desdobramento e difusão). Entende-se que a interação entre o sensível e o inteligível ocorre no nível da percepção, o que enfatiza a importância da fenomenologia no desenvolvimento da Semiótica.

A universalização de uma forma poderia até mesmo [...] ser definida como o descarte da práxis que a produziu. A zona crítica do “desdobramento universal” é, na verdade, o local onde se introduz um metadiscurso que redefine até o próprio referente do discurso e da cultura. Nesse sentido, é em tal zona que se realizam e estabilizam os remanejamentos do campo discursivo, para formar novos “universos”.

Um discurso, embora esteja encadeado a outros discursos, possui uma singularidade que o diferencia como uma práxis particular. Essa singularidade que define um discurso, mesmo ligado a outros, ocorre no local que Fontanille e Zilberberg chamam de “desdobramento universal”. Esta é a delimitação esquemática na qual se identifica a unidade singular de um discurso. É na aplicação do esquema da práxis enunciativa que destacamos a zona na qual um novo discurso se estabiliza de forma única. A figura singular de Jesus Cristo sofre modificações de acordo com os valores da cultura que a representa e também modifica a cultura que a acolhe.

3. O PLURILINGUISMO

A obra de Bakhtin é, em grande parte, dedicada ao estudo da literatura. Ele foi responsável por criar uma teoria mais elaborada sobre a linguagem do romance. Para Bakhtin, o romance é composto por um conjunto de unidades estilísticas que, sem perder seu caráter heterogêneo, se harmonizam no todo da narrativa. A própria narrativa é um tipo de unidade estilística e se destaca como parte da linguagem específica do autor. Outras formas literárias como escritos científicos, filosóficos, jurídicos, etc., que não fazem parte do discurso literário do autor, também são unidades estilísticas que ajudam a compor o conjunto do romance. Os discursos das personagens são trabalhados de forma que se destaque a individualidade de cada uma para criar um efeito de sentido de identidade para a personagem.

Estas unidades estilísticas heterogêneas, ao penetrarem no romance, unem-se a ele num sistema literário harmonioso, submetendo-se à unidade estilística superior do conjunto, conjunto este que não pode ser identificado com nenhuma das unidades subordinadas a ele. A originalidade estilística do gênero romanesco está justamente na combinação destas unidades subordinadas, mas relativamente independentes (por vezes até mesmo plurilíngues) na unidade superior do “todo”: o estilo do romance é uma combinação de estilos; sua linguagem é um sistema de “línguas”. (BAKHTIN, 1998, p. 74)

O que caracteriza o romance não é o estilo narrativo particular de certo autor nem a soma de unidades estilísticas que podem ser destacadas e categorizadas, mas o modo como essas unidades diferentes se combinam em um todo harmonioso. Essa unidade superior é o que caracteriza o romance como uma linguagem capaz de combinar diferentes estilos, os quais mantêm sua especificidade no conjunto do romance, que não pode ser confundido com nenhuma das unidades que o compõem. O estilo do romance é caracterizado justamente por uma combinação de estilos, e sua força original está na unidade superior que engloba todas as

outras unidades estilísticas. Esse conjunto de linguagens heterogêneas, utilizadas na elaboração de um discurso, é chamado de plurilinguismo:

Introduzido no romance, o plurilinguismo é submetido a uma elaboração literária. Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época. (BAKHTIN, 1998, p. 106)

Todo enunciado dialoga com vários enunciados, mas um estilo, uma unidade superior, predomina. Esse “sistema estilístico harmonioso” é o ponto em que o autor situa seu discurso como algo original. Mesmo entrelaçado a várias outras vozes, o discurso plurilíngue de um autor é distinto como uma unidade superior que abrange um conjunto de vozes que são parte da linguagem social e que estão presentes no discurso de vários autores, mas cada autor se expressa de maneira única. Esse plurilinguismo é reconhecido por Bakhtin não só como um elemento exclusivo da literatura, mas também como um elemento da linguagem. Quando diz que “introduzido no romance, o plurilinguismo é submetido a uma elaboração literária”, Bakhtin identifica o plurilinguismo no romance como um elemento elaborado, e, se há elaboração, entende-se que existe uma forma não elaborada de plurilinguismo. Se um sujeito combina várias vozes em um discurso que as abrange em uma unidade superior, mesmo que desprovida de motivação estético/literária, ocorre o plurilinguismo. É assim que se percebe a presença de outros discursos em um determinado discurso que se mantém como uma expressão singular.

O plurilinguismo também ocorre na propaganda publicitária analisada, pois, nesse texto, percebe-se a presença de vários discursos. A propaganda de cachaça Sagatiba é uma unidade discursiva que insere o discurso cristão – de forma icônica – no discurso hedonista da sociedade consumista contemporânea para a qual se dirige e, desse modo, combina discursos heterogêneos em uma unidade superior única. Os valores distintos do cristianismo e da cultura do prazer se integram de forma plurilíngue. Percebe-se que o plurilinguismo não é um conceito exclusivamente literário e que também ocorre em outras estruturas discursivas como a propaganda publicitária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura de Jesus Cristo está presente em vários campos do pensamento ocidental. As reflexões de Bakhtin sobre o desenvolvimento da concepção de espírito e sobre a origem do cristianismo e nossa análise da imagem de Cristo, nos permitem expor algumas hipóteses sobre o estatuto do cristianismo nos dias contemporâneos. Na propaganda de cachaça Sagatiba o martírio cristão tradicional é descartado e a figura de Cristo – que continua reconhecível porque se fixa de forma icônica – é representada com outros valores integrados, como o prazer e a diversão. Bakhtin disse que o problema da relação entre o **eu** (corpo interior) e o **outro** (corpo exterior) era resolvido na doutrina cristã porque Cristo é um corpo espiritual que envolve todos os outros corpos em uma unidade absoluta. A noção do poder espiritual de Cristo no pensamento ocidental possibilitou o entendimento e a integração dos valores internos e externos no conceito de homem. Isso porque os valores divergentes do **eu** e

do **outro** – conceitos fundamentais no desenvolvimento do pensamento humano – são conciliados na noção de compaixão e martírio cristãos. É na ideia da compaixão de Cristo que o **eu** e o **outro** compartilham um espaço de valores comuns. Mas na figura hedonista de Cristo da propaganda de cachaça Sagatiba os valores cristãos-sacros se atenuam enquanto evolui uma estética da imagem de Cristo com outros valores integrados. A figura de Cristo continua reconhecível, mas o sagrado martírio deixa de ser um discurso central na contemporaneidade.

Segundo o sociólogo Maffesoli (2006, p. 31), a estrutura social da modernidade, que se organiza na **função** do indivíduo em um cenário industrial de ordem econômica e política, evolui para uma estrutura complexa em fins do século XX. Nesse novo cenário, os indivíduos tendem a se cristalizar em grupos nos quais se identificam por meio da vestimenta e da música, por exemplo. Maffesoli compreende que essas “tribos pós-modernas” caracterizam-se pelo hedonismo e que, nesses grupos, “[...] o que está em jogo é a exaltação da vida no que tem de sensível e afetuoso. O ascetismo, a contenção, a limitação, próprios da educação judaico-cristã, não têm mais curso.” (MAFFESOLI, 2007, p. 42). Na propaganda de cachaça Sagatiba percebe-se a integração da figura de Cristo no cenário hedonista de um show musical. Ao compreender que o martírio e a compaixão (que são pontos fundamentais no contato entre o **eu** e o **outro** na religião cristã) são atenuados na imagem de Cristo, evidencia-se o declínio do discurso religioso político/institucional. Assim, o ícone cristão identifica-se com um grupo que valoriza a estética pessoal e os prazeres corpóreos. O **eu** e o **outro** passam a se relacionar pelo afeto e não pela compaixão. Os símbolos e figuras religiosos e políticos são elementos fundamentais no campo cultural e as mudanças nos valores relacionados a essas figuras refletem (e refratam) mudanças na organização social. J. J. Rousseau (1999, p. 143) refletiu sobre isso quando escreveu sobre o estabelecimento de exércitos cristãos na Roma pagã:

Sob os imperadores pagãos, os soldados cristãos eram valentes. Todos os autores cristãos assim o dizem e eu o creio: era uma emulação de honra contra as tropas pagãs. Desde que os imperadores foram cristãos esta emulação deixou de existir, e quando a cruz substituiu à águia, toda a coragem romana desapareceu.

Rousseau identifica a valentia dos exércitos cristãos romanos como um fator ligado aos valores pagãos. Essa valentia militar, segundo Rousseau, desaparece com a aceitação do cristianismo por parte dos imperadores romanos. A compaixão cristã dilui os valores heróicos dos soldados romanos. É interessante que Rousseau credita o desaparecimento da coragem militar romana à substituição do estandarte romano da águia (exaltação da força e imposição bélicas) pela cruz (exaltação da compaixão e submissão pacíficas). Assim, é possível que a mudança em um único elemento cultural – entendemos a cruz como um símbolo político/religioso – altere os valores de toda uma sociedade. Do mesmo modo, compreendemos que a identificação entre a figura de Cristo e o grupo hedonista, representados na propaganda publicitária, revela mudanças nos valores religiosos da sociedade contemporânea. Nesse caso, percebe-se a diluição do martírio na figura de Cristo, que é integrada à estética dos grupos contemporâneos.

Entendemos que uma sociedade é composta por meio do estabelecimento e da organização dos diversos elementos que estruturam sua linguagem. Qualquer alteração em um desses elementos irá repercutir no campo cultural e, por consequência, em toda a sociedade. A

explicação e a previsão das mudanças históricas e sociais residem na análise das estruturas imanentes da linguagem e também no estudo das áreas mais amplas do discurso.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit**. Paris: Éditions Hadès-Benjamins, 1985.
- FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **Significação e Visualidade** – exercícios práticos. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- FONTANILLE; ZILBERBERG. **Tensão e Significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida, variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. **O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- ROUSSEAU, J. J. **O Contrato Social: princípios de direito político**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- SAGATIBA. Puro espírito do Brasil. **Playboy**, edição número 350. São Paulo: Abril, setembro de 2004, p. 49.